

CONTRIBUIÇÃO AO CADASTRAMENTO DAS ITACOATIARAS DO “VALE DO SABUGI”, NA FRONTEIRA SERIDOENSE DA PARAÍBA

*João Marinho de Moraes Neto**

RESUMO: Visando contribuir para o levantamento do patrimônio arqueológico da região do Seridó (RN-PB), são apresentados alguns sítios contendo gravuras rupestres (“itacoatiaras”), localizados na área conhecida como “Vale do Sabugi”, no Estado da Paraíba. Em vista da constante ameaça de destruição dos sítios, tanto por agentes erosivos como pela ação antrópica, espera-se que pesquisas cientificamente conduzidas sejam realizadas na área, o que ajudaria as comunidades e autoridades locais a conscientizarem-se sobre a necessidade de preservação desse patrimônio.

Introdução e localização

A arqueologia brasileira, especificamente no que concerne à Pré-História nordestina, vem sofrendo um enorme impulso nos últimos vinte anos, principalmente em decorrência dos resultados advindos das pesquisas realizadas pela equipe da Prof^a Niède Guidon (FUNDHAM/UFPE) na área de São Raimundo Nonato (SE do Piauí), cujas datações tiveram impacto significativo no estudo da ocupação humana no continente americano (Guidon, 1985).

Também na região do Seridó (RN-PB), já conhecida pelo seu potencial mineral e pelo interesse geológico que tem despertado nas últimas décadas, pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos da UFPE – especificamente na área do Seridó norte-riograndense – têm revelado a extraordinária riqueza arqueológica existente naquela região.

O patrimônio arqueológico da Paraíba vem sendo registrado desde os primórdios da presença portuguesa em seu território, como é o

* PETROBRÁS/DEBAR – Natal/RN.

caso das gravuras encontradas pelo Capitão-Mor Feliciano Coelho de Carvalho, em 1598, no município de Pilões, às margens do rio Araçagi (Almeida, 1980).

Diversos outros pesquisadores, principalmente ligados ao Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, deram sua contribuição ao cadastramento e descrição de registros rupestres no Estado, como Leon Clerot e Clóvis Lima, entre outros, que estudaram aquela que é considerada um dos mais importantes monumentos arqueológicos do país, a Itacoatiara do Ingá.

O trabalho mais notável foi realizado entre 1972-1973 e publicado em 1979: "Arte Rupestre nos Cariris Velhos", pela professora Ruth Trindade de Almeida, no qual os registros rupestres foram tratados de maneira científica e sistemática. Na referida publicação, além dos sítios encontrados na região dos Cariris Velhos, é fornecida uma lista com diversas outras ocorrências de pinturas e gravuras rupestres no Estado da Paraíba, visitadas ou não pela autora.

Infelizmente, a pesquisa e o cadastramento realizados pela mesma autora nas regiões do Agreste, Brejo Paraibano, Curimataú e Piemonte da Borborema não puderam ter sua continuidade assegurada, e desde então a Paraíba não tem acompanhado no mesmo ritmo o incremento dado à Arqueologia em outros estados nordestinos, talvez devido à falta de uma equipe permanente de arqueologia.

Nesse instante em que parece haver uma retomada de consciência sobre a importância do tema nas comunidades acadêmicas e culturais do Estado, e ao mesmo tempo em que a própria sociedade clama por atitudes que venham a preservar o patrimônio arqueológico da região, permanentemente ameaçado (Bagnoli, 1989; Cartaxo, 1991), achamos oportuno apresentar à comunidade arqueológica alguns sítios existentes na área conhecida como "Vale do Sabugi".

Este termo, cada vez mais em desuso, ultimamente só tem sido utilizado com conotação política, em referência à Comarca de Santa Luzia (que abrange os municípios de Santa Luzia, São Mamede, Várzea, São José de Sabugi e Junco do Seridó), na porção centro-norte do Estado da Paraíba, região fisiográfica do Seridó (Figura 1).

Terminologia utilizada no estudo da arte rupestre

Os pesquisadores que têm estudado a arte rupestre no Nordeste brasileiro utilizam os conceitos de “tradição” e “estilo”, sendo que o primeiro é definido pela temática representada e suas formas culturais abragem ampla distribuição geográfica, enquanto que o segundo corresponde à técnica utilizada para realização dos grafismos (Aguiar, 1982; Martin & Aguiar, 1991).

No Nordeste brasileiro, são consideradas bem definidas as Tradições Nordeste e Agreste para as pinturas rupestres (com seus respectivos estilos e sub-tradições), e a Tradição Itacoatiara, que engloba as gravuras sobre rocha.

As itacoatiaras (“pedras pintadas”, na língua tupi), ocorrem distribuídas por todo o Brasil, nos leitos dos rios e próximos a cursos d’água. Seus petroglifos ocorrem com tamanho e técnica de gravura diferentes (percurso, picoteamento, incisão, polimento, etc), a depender do amplo espaço onde se encontram distribuídas, e têm sido relacionadas ao culto das águas e a possíveis representações de corpos celestes.

A tradição ou “tradições” de itacoatiaras têm sido consideradas como das mais “enigmáticas” e de mais difícil estudo, seja pela extensão ou pela dificuldade de se estabelecer associações com restos de cultura material (Martin & Aguiar, op.cit), uma vez que estão sujeitas a constantes remobilizações dos sedimentos associados, devido à proximidade com correntes aquosas.

Algumas tentativas de se sistematizar o estudo dos petroglifos brasileiros têm sido feitas, embora as sub-tradições e estilos dos mesmos não estejam bem determinados para todas as áreas de ocorrência. Guidon (1989), a partir de estudos comparativos no Sudeste do Piauí, agrupou nas “Itacoatiaras do Oeste” os petroglifos que se estendem desde a fronteira da Bolívia até o norte de Minas Gerais e incluiu nas “Itacoatiaras do Leste” as gravuras rupestres típicas do Nordeste brasileiro. Nestas últimas, que Prous (1991) engloba na “Tradição Geométrica”, predominam grafismos puros (figuras geométricas, simbólicas ou de difícil interpretação), embora também ocorram antropomorfos, marcas de pés, lagartos e aves (Martin & Aguiar, 1991).

Descrição sumária dos sítios visitados

Vestígios de ocupações humanas pré-históricas no “Vale do Sabugi” são conhecidos desde o início do século. O clássico livro de Luciano Jacques de Moraes, “Inscrições Rupestres no Brasil”, já dá conta das gravuras que ocorrem no Sítio Pedra Lavrada, no município de São João do Sabugi (RN), cerca de 20 quilômetros a N-NW das primeiras itacoatiaras citadas neste trabalho, e com as quais guardam muitas semelhanças.

Ao longo das últimas décadas, alguns desses sítios arqueológicos com pinturas e gravuras rupestres têm sido visitados e até mesmo citados na literatura especializada (a exemplo de Almeida, 1979), porém não existem descrições detalhadas nem foram realizados estudos sistemáticos naqueles locais.

Como contribuição ao cadastramento das ocorrências de itacoatiaras na região, é apresentada a seguir uma descrição sumária dos sítios visitados.

1. Sítio Tapera — São Mamede (PB)

Coordenadas Geográficas: 06°50'00"S e 37°08'40"W
Folha Planimétrica: SB-24-Z-B-IV (Serra Negra do Norte)
Proprietário: Francisco Juvanir Gomes de Oliveira

O sítio, citado por Almeida (1979), dista 20 km da sede do município de São Mamede, sendo o acesso feito pela estrada que liga aquela cidade ao município de Ipueira (PB-251), no vizinho Estado do Rio Grande do Norte.

As gravuras – cerca de 30 – ocorrem num grande matacão de gnaíse cinza fino, na margem esquerda do rio Sabugi, a poucos metros do chamado “Poço da Tapera”, reservatório que guarda grande quantidade de água, mesmo em épocas de seca prolongada, como a que passamos no presente momento.

As gravuras são nítidas, com seu baixo relevo bem polido. No painel principal, defronte para o nascente, predominam motivos geométricos bem preservados (figura 2a), além de raros “ponteados”. Também ocorrem gravuras, já mais erodidas, nas paredes laterais do afloramento (figura 2b), e no interior de pequenas marmitas assoreadas, o que talvez possa permitir algum tipo de escavação.

As gravuras atualmente visualizadas no painel principal estão cinquenta centímetros mais expostas do que há quinze anos atrás, quando visitamos o local pela primeira vez. Isso indica a possibilidade de existirem mais gravuras sob o leito atual do rio.

Material lítico polido (principalmente machados, de diferentes formas e feitios), têm sido encontrados nas proximidades da itacoatiara. Pessoas do local também citam a existência de "trempe de cablocos-brabos" nas redondezas, numa alusão a possíveis "fogareiros" usados pelos antigos índios que habitavam a região. Não tivemos informações sobre a ocorrência de vestígios de material cerâmico.

2. *Sítio Trincheira — São Mamede (PB)*

Coordenadas Geográficas: 06° 49' 10" S e 37° 06' 50" W (lagoa)
06° 48' 45" S e 37° 07' 20" W (serra)
Folha Planimétrica: SB-24-Z-B-IV (Serra Negra do Norte)
Proprietário: Osmar de Medeiros Moraes

O acesso a esse sítio pode ser feito a partir da cidade de São Mamede, pela mesma estrada de acesso (PB-251) ao sítio anteriormente citado. A sede da fazenda fica 18 km a norte daquela cidade, podendo o acesso ser feito por outra estrada secundária, naquele rumo.

Ocorrem dois pontos com gravuras neste sítio. O principal fica na margem de uma lagoa, no sopé da Serra da Cozinha. A maioria das gravuras, que podem chegar a uma centena, tem um baixo relevo pouco profundo, dificultando a sua definição; aparentemente, a técnica utilizada para a gravação foi o picoteamento, uma vez que é possível identificar os pontos de percussão e quase não há polimento. Algumas gravuras estão incompletas, pela ação do descamamento natural que afeta o augen-gnaiss onde ocorrem.

O painel principal, com 3,5m x 0,70m, é mostrado parcialmente na figura 3a. Ocorrem grafismos puros (cruzes, asteriscos, círculos, etc) e algumas formas sugerindo animais estilizados. Na face posterior do referido painel, ocorre a gravura mais significativa deste local; trata-se provavelmente de um zoomorfo representando um felino (figura 3b), inclusive com "pegadas" associadas. Coincidentemente, as serras que circundam este sítio foram o último refúgio de onças na região, as quais ainda eram encontradas no local até a década de 40.

O outro ponto situa-se no topo de uma pequena serra, na estrada

que liga a Trincheira à Tapera. O lajedo onde ocorrem está situado num ponto onde se tem uma bela e estratégica visão do vale. As gravuras estão quase que apagadas, devido a um intenso processo de esfoliação, embora ainda possam ser identificados tridígitos e outros grafismos semelhantes aos encontrados na itacoatiara da lagoa.

3. *Sítio Tapuio — São Mamede (PB)*

Coordenadas Geográficas: 06°50'10"S e 37°08'15"W

Folha Planimétrica: SB-24-Z-B-IV (Serra Negra do Norte)

Proprietário: Sebastião Benvinda

Este sítio, citado por Almeida (1979), situa-se no leito/margem direita do rio Sabugi, dois quilômetros a montante do sítio Tapera. O acesso pode ser feito a partir da cidade de São Mamede, de onde dista 18 km pela estrada São Mamede-Ipueira (PB-251), via Poço do Brito.

As gravuras ocorrem num grande afloramento de gnaisses cinza azulado, com cerca de 150 metros de comprimento, e infelizmente vêm sofrendo um intenso processo de descamação natural, o que tem contribuído para a destruição das centenas de gravuras encontradas no local, principalmente as do piso do lajedo.

Os painéis principais ficam na parede lateral NW do lajedo, e exibem petroglifos representando grafismos puros (círculos, tridígitos, cruzes, asteriscos, etc), além de formas mais elaboradas; também são encontrados zoomorfos representando quelônios e lagartos (figuras 4a e 4b), possíveis rostos de antropomorfos e uma magnífica gravura de mão humana (figura 4d). Há boas possibilidades de escavação nesta parte do lajedo, uma vez que ocorre uma camada de solo soterrando gravuras.

Algumas incisões alfanuméricas também são encontradas ao longo do lajedo, mostrando um tipo de vandalismo que compromete a integridade dos registros rupestres. Vestígios de extração de pedras para construção também são encontrados no local.

4. *Sítio Poço do Brito — São Mamede (PB)*

Coordenadas Geográficas: 06°51'10"S e 37°07'20"W

Folha Planimétrica: SB-24-Z-B-IV (Serra Negra do Norte)

Proprietário: Amir Gaudêncio

As gravuras deste sítio ficam no leito do rio Sabugi, cerca de 3 km a montante do ponto anterior, num boqueirão largo que o rio Sabugi forma ao passar pelos quartzitos da Serra dos Cavalos. O acesso ao local é feito por uma estrada que liga São Mamede à propriedade Saco do Monte e à Serra do Brito.

Ocorrem apenas 5 gravuras no local, nitidamente executadas por percussão, sendo as mais expressivas as mostradas na figura 5. Os blocos de quartzito onde ocorrem os petroglifos ficam próximos ao “Poço do Brito”, que é uma cacimba natural no leito do rio Sabugi, acumulando água mesmo em períodos de grandes estiagens. No local onde ocorrem as gravuras não há condições de escavação.

Vale ressaltar que, nesta área ao longo do rio Sabugi, ocorrem dispersos vários pontos com gravuras, estando descritos neste trabalho apenas os locais de maior concentração de petroglifos.

5. *Sítio Pedra D'Água — São Mamede (PB)*

Coordenadas Geográficas: 06°51'50''S e 37°05'30''W

Folha Planimétrica: SB-24-Z-B-IV (Serra Negra do Norte)

Proprietários: Herdeiros de João Eliseu de Medeiros

Localiza-se na estrada São Madede-São Nicolau, 10 km a N-NE da primeira, numa elevação próximo à entrada da antiga mina de schellita da Malhadinha, no sopé da serra da Mandioca.

O afloramento, de granito gnáissico, é de grandes porporções, ocupando uma área de aproximadamente meio hectare. Quase toda a totalidade do lajedo está coberta por centenas de gravuras, já pouco nítidas devido à erosão ou por terem sido executadas em baixo relevo de pouca profundade.

Onde a superfície do lajedo não foi esfoliada ou destruída, há uma incrível profusão de asteriscos, círculos inscritos, cruzeiros, tridígitos e outros grafismos puros; também ocorrem gravuras sugerindo antropomorfos. As figuras 6a,b,c são apenas uma pequena amostra do grande número de gravuras que ocorrem neste local.

Infelizmente, além do dano natural causado pelos agentes erosivos, este sítio está sofrendo um violento processo de destruição, uma vez que no local há vestígios recentes de extração de pedras para a construção civil, como blocos lapidados e empilhados, dezenas de blocos com

gravuras quebrados, restos de pavios de dinamite e furos de “martelete” para colocação de explosivos.

Pelo que podemos apurar, os próprios proprietários não têm conhecimento da destruição que acontece no local, uma vez que é comum na região a concessão do direito de exploração de pedreiras a terceiros.

6. *Sítio Pindurão — Várzea (PB)*

Coordenadas Geográficas: 06°46'45”S e 37°05'45”W

Folha Planimétrica: SB-24-Z-B-V (Jardim do Seridó)

Proprietário: “Dr. Aglimar”, de Patos (PB)

Este sítio localiza-se 15 quilômetros a oeste da cidade de Várzea, cerca de 100m à direita da estrada que liga a mesma ao município de Ipuera(RN).

As gravuras ocorrem nas bordas de um grande afloramento de gnaiss (70m de extensão por 30m de largura), no interior do qual formam-se dois “tanques” naturais. As gravuras estão muito apagadas, e é intenso o processo de esfoliação na superfície do mesmo.

Ocorrem dezenas de gravuras, principalmente grafismos puros, embora também sejam identificados zoomorfos (como a provável gravura de ave da figura 7a) e raros antropomorfos (figura 7b). Pela semelhança de estilo, as gravuras podem ser relacionadas às encontradas nos sítios Trincheira, Tapuio e Pedra D'Água, citados anteriormente.

Há vários nomes e alfanuméricos gravados (figura 7c), alguns até mesmo superpostos às gravuras, além de alguns “ferros de gado” gravados por incisão. Pelo estilo das letras, de certa forma rebuscado, é possível que este vandalismo - provavelmente feito de boa-fé - remonte ao século passado.

O local não favorece nenhum tipo de escavação. Os “tanques” encontram-se atualmente secos e foram desassoreados provavelmente há décadas. Não foi possível obter informações sobre a existência de fósseis ou material lítico nos mesmos.

7. *Sítio Viola — Várzea (PB)*

Coordenadas Geográficas: 06°50'50”S e 37°01'10”W

Folha Planimétrica: SB-24-Z-B-V (Jardim do Seridó)

Proprietário: Raul Levino de Medeiros Filho

A sede desta fazenda dista 14 km a NW da cidade de Santa Luzia, e o acesso ao local pode ser feito a partir da mesma, inicialmente pela rodovia PB-223.

Ocorrem poucas gravuras, num único bloco de gnaiss horizontalmente disposto a poucos metros do sangradouro da barragem da Viola. Os petroglifos, já bastante gastos e pouco nítidos, estão cobertos por uma pátina de oxidação de coloração castanha, semelhante à que ocorre nas itacoatiaras da Trincheira, Tapuio e Pedra D'Água.

Os petroglifos mais significativos estão mostrados na figura 8; além desses, ocorrem cerca de 20 "ponteados" de uma polegada de diâmetro, pouco perceptíveis.

8. *Sítio Navios - Várzea (PB)*

Coordenadas Geográficas: 06°50'05"S e 36°59'20"W

Folha Planimétrica: SB-24-Z-B-V (Jardim do Seridó)

Proprietário: Amaro Emídio de Moraes

Este sítio dista 12 km a NW de Santa Luzia, utilizando-se o mesmo acesso para o sítio Viola.

As dezenas de gravuras encontradas neste grande afloramento de gnaiss migmatítico também mostram-se gastas pelo intemperismo e a descamação natural que afeta o lajedo. Os petroglifos mais bem preservados apresentam-se de formas variadas, predominando grafismos puros e algumas representações supostamente antropomorfas (figuras 9a,b,c,d)

Há um grande "tanque" no centro do lajedo, de onde foram retirados, na década de 30, vários fragmentos de fósseis de megafauna pleistocênica; na ocasião os fósseis foram levados para análise no Recife pelo então prefeito, Dr. Augusto da Silveira Paula, não restando maiores informações. Atualmente, não há mais condições de escavação, nem dispomos de dados que possam indicar a presença de material lítico proveniente da referida escavação.

9. *Sítio Passagem do Meio — Santa Luzia (PB)*

Coordenadas Geográficas: 06°49'42"S e 36°57'00"W

Folha Planimétrica: SB-Z-B-V (Jardim do Seridó)

Proprietário: Aldo de Medeiros Lima

O acesso a este sítio é fácil, pois o mesmo fica a apenas 8 km a norte da cidade de Santa Luzia, pela rodovia que a liga à cidade de Várzea (PB-223).

Os petroglifos deste sítio foram gravados em gnaisses cinza claro e porfíricos que ocorrem no leito do rio Quipauá (ou Barra Nova, quando deságua no Açude Itans, em Caicó/RN), tanto a montante quanto a jusante da barragem construída no local conhecido como "Livaes".

As poucas inscrições existentes estão apagadas, e são difíceis de se exergar devido ao estado de conservação do seu baixo relevo. Ocorrem principalmente grafismos puros (cruzes, asteriscos, traços paralelos), e talvez um único antropomorfo (figuras 10a,b,c). Todas as gravuras situadas no piso do lajedo estão afetadas pelo processo de esfoliação do gnaíse, o que dificulta a sua percepção; algumas gravuras são situadas no interior de pequenas marmitas.

Um outro tipo de gravura que ocorre neste sítio é representado por pequenas depressões semi-esféricas, que chegam a cobrir totalmente a superfície de um pequeno matacão ora exposto no fundo seco da barragem. Outro bloco com semelhantes "ponteados" foi quebrado, provavelmente para uso na ampliação da parede da antiga barragem, feita há cerca de dez anos.

10. *Sítio Cacimba da Velha — Santa Luzia (PB)*

Coordenadas Geográficas: 06°51'20"S e 36°56'12"W

Folha Planimétrica: SB-24-Z-B-V (Jardim do Seridó)

Proprietário: Francisco de Assis Marinho

Este sítio situa-se 4 km a norte de Santa Luzia, sendo fácil o acesso a partir da referida cidade, pela rodovia PB-223.

As gravuras encontradas neste sítio são de um tipo particular, semelhantes aos "ponteados" vistos em dois matacões (um parcialmente destruído) da Passagem do Meio, situada dois quilômetros a jusante. No caso da Cacimba da Velha, as depressões semi-esféricas ocorrem numa elevação localizada 200 metros acima da margem direita do rio Quipauá, ocupando a superfície de seis pequenos matacões que afloram "in situ" na superfície do terreno, por mais que possam parecer com um agrupamento de blocos alóctones.

Essas intrigantes depressões, ponteados ou "cupuliformes"

(Prous, 1991), chegam a ter mais de uma polegada de profundidade e apresentam-se tão polidas e bem acabadas que impressiona a forma planejada e sistemática com que foram executadas em rocha granítica.

11. “Pedra do Sino” — Santa Luzia (PB)

Coordenadas Geográficas: 06°51'05”S e 36°57'20”W

Folha Planimétrica: SB-24-Z-B (Jardim do Seridó)

Proprietário: Rogaciano Cunha Souto

Essa ocorrência dista 5 km de Santa Luzia, na margem direita da antiga estrada da mina da Quixaba, na divisa entre os sítios Cacimba da Velha e Ponta da Serra.

Num bloco de granito cinza fino, situado numa elevação onde há alguns anos atrás um dos blocos graníticos produzia um som metálico ao ser percutido (daí o nome do local, o que certamente também deve ter chamado a atenção do homem pré-histórico), restam vestígios da frase “Plantai o gergelim”, remanescente de uma campanha efetuada pelo Ministério da Agricultura na década de 40.

Todavia, também ocorre uma única depressão semi-esférica (“ponteados”) no painel frontal do bloco, aparentemente de origem cultural. Próximo à porção descamada do bloco, ocorrem vestígios de pinturas, citadas por Almeida (1979) como sendo de origem rupestre. Apesar de ter a mesma cor da tinta do bordão supracitado, de fato os grafismos existentes assemelham-se aos encontrados na Tradição Agreste (Paulo Tadeu, comunicação pessoal).

O local não é propício a escavações, e noutra porção do afloramento, onde outrora “a pedra tinia”, há vestígios de exploração da pedreira.

12. Sítio Tapuio — São José do Sabugi (PB)

Coordenadas Geográficas: 06°47'15”S e 36°51'30”W

Folha Planimétrica: SB-24-Z-B-V (Jardim do Seridó)

Proprietário: José Damasceno

Este sítio (antigo “Pocinhos”), dista 15 km a NE de Santa Luzia, com acesso inicialmente feito pela rodovia PB-221.

As itacoatiaras ocorrem num “canal” no leito do riacho do Tapuio, onde gnaisses cinza e augen-gnaisses escuros afloram a jusante de uma pequena barragem.

As gravuras encontradas neste local são citadas por Almeida(1979), ocorrendo mais de 50 delas. Os estilos e as formas encontrados são variados, predominando grafismos geométricos (figuras 11a,c,d). Além desses, também são encontrados petroglifos com motivos antropomorfos e zoomórfos, como no caso do painel mostrado na figura 11b.

Grande parte das gravuras já encontra-se gasta devido ao intemperismo, principalmente pelo fato das itacoatiaras situarem-se em zona de passagem de enxurradas e fortes correntes. Na época das cheias, muitas marmitas ficam totalmente submersa, sendo que algumas contêm gravuras de grande porte (figura 11a).

Algumas marmitas parecem propícias a escavação, pelo fato de estarem assoreadas e encobrendo parcialmente algumas gravuras. Material lítico polido já foi coletado nas proximidades do riacho por moradores do local.

13. *Sítio Pedra Lavrada — São José do Sabugi (PB)*

Coordenadas Geográficas: 06° 44'30"S e 36° 51'55"W

Folha Planimétrica: SB-24-Z-B-V (Jardim do Seridó)

Proprietários: Herdeiros de Ascendino Simplício

Esta itacoatiara, também citada por Almeida (op.cit), fica 10 km a NW de São José do Sabugi, tomando-se a antiga estrada para a propriedade Raposa; o acesso ao local da cachoeira onde localizam-se as gravuras é difícil, sendo feito por meio de picada.

As gravuras ocorrem em gnaisses cinza escuros que afloram no leito do riacho Santa Maria, formando cachoeiras com grandes marmitas associadas. Ocorrem gravuras de grande porte, com seu baixo relevo ainda bem conservado no interior de marmitas ou nas paredes do canal principal. Uma pátina avermelhada cobre a porção superior da superfície da principal itacoatiara (figura 12a), e poderia ser vestígio de pintura (Paulo Tadeu, comunicação pessoal).

Predominam os motivos geométicos (figura 12a), embora outros grafismos também sejam encontrados (figura 12b) em porções do afloramento preservados dos processos de descamação. Pequenas gravuras encontradas no local (figura 12c) assemelham-se às “pirogas” encontradas em painéis pintados ao longo do vale do rio Seridó (cerca de 20 km a NE), as quais são descritas na literatura como pertencentes à

Tradição Nordeste/Sub-tradição Seridó (Aguilar,1982; Martin,1991); essa semelhança precisaria ser checada no campo, pois há dúvidas sobre a posição em que foram executadas.

Há bons locais para se realizar escavações no local, nas marmitas soterradas junto aos principais painéis de gravuras.

14. *Sítio Chorão — Junco do Seridó (PB)*

Coordenadas Geográficas: 06°59'50"S e 36°43'00"W

Folha Planimétrica: SB-24-Z-B-V (Jardim do Seridó)

Proprietária: Geralda Balduino

Este sítio, citado por Almeida (1979), e visitado por vários pesquisadores (Marcos Galindo, informação verbal), já está fora do contexto fisiográfico do "Vale do Sabugi", situando-se sobre o Planalto da Borborema.

As gravuras estão localizadas à beira de um riacho, praticamente dentro da zona urbana do Junco do Seridó, em local de fácil acesso. Segundo informações de pessoas da região, existem outras gravuras (geométricos, tridígitos) no local, porém presentemente estão cobertas pelo leito atual do riacho.

As poucas gravuras visualizadas estão mostradas na figura 13, e ocorrem na margem esquerda do riacho do Chorão, em um paredão de quartzito.

15. *"Poço do Caudaloso" — Passagem (PB)*

Coordenadas Geográficas: 07°04'35"S e 37°00'40"W

Folha Planimétrica: SB-24-Z-D-I (Patos)

Proprietário: Luís Araújo

Este sítio fica próximo à localidade Bocaina e 7 km a nordeste da cidade de Passagem O acesso é difícil, podendo ser feito a partir do povoado Bananeira, ou pela estrada Patos-Quixaba-São José da Batalha-Junco do Seridó.

Assim como o sítio Chorão, localiza-se sobre o altiplano do Planalto da Borborema, em seu contraforte ocidental, portanto fora da depressão do Alto Piranhas (ou depressão sertaneja), onde estão situados os 13 primeiros sítios visitados.

Pela sua importância histórica, e pela beleza de suas gravuras,

achamos conveniente incluí-lo no presente (re)cadastramento. Além do mais, outros sítios com inscrições rupestres também ocorrem nesta área, como em São José da Batalha (José Elias Borges, comunicação pessoal) e Cacimba de Areia (Aguilar, 1976), podendo estar incluídos em um mesmo contexto.

As gravuras do Poço do Caudaloso já são mostradas por Moraes (1924), a partir de fotografias fornecidas pelo botânico alemão Phillip con Luetzelburg, assim como também são citadas por Almeida (1979).

Os petroglifos ocupam grande parte das paredes de um estreito e acidentado boqueirão formado pelo riacho da Aba na serra da Bocaina, onde grandes paredões e marmitas esculpidas no mármore abrigam centenas de gravuras, de formas, tamanhos e estilos variados.

Predominam grafismos puros/geométricos (círculos, cruzes, tridígitos, círculos concêntricos), além de figuras antropomorfas e zoomorfas (sugerindo lagartos e aves), e inúmeros "ponteados" (figuras 14a,b,c).

Devido à facilidade de erosão do mármore, muitas gravuras estão danificadas e pouco nítidas. Além da erosão natural, foram encontrados vestígios que sugerem que as gravuras têm servido como guias de "tiro ao alvo" para caçadores da área. Ainda segundo informações de pessoas da região, existe um projeto de construção de uma barragem no referido boqueirão e "topógrafos de Brasília" já teriam feito o levantamento plani-altimétrico da área; se tal projeto for mesmo executado, todas as gravuras ficarão submersas.

Existem bons locais para se realizarem escavações no local pois há enormes marmitas assoreadas, com as paredes repletas de gravuras.

Notas

1. As folhas planimétricas que serviram de base cartográfica foram editadas pela SUDENE na escala 1:100000 (2ª edição/1972 - Folhas Jardim do Seridó e Serra Negra do Norte; 3ª edição/1982 - Folha Patos).

2. Os desenhos apresentados neste trabalho foram copiados a partir de reduções de fotografias e slides das itacoatiaras, o que, eviden-

temente, implica na perda de detalhes e em prováveis omissões, pois além da redução dificultar o contorno das gravuras, a pouca profundidade do baixo relevo das mesmas prejudica essa metodologia. Portanto, faz-se necessário uma documentação mais precisa das gravuras existentes nos sítios descritos, em trabalhos futuros.

Considerações finais

Levando ao conhecimento da comunidade arqueológica a existência dos sítios acima descritos, espera-se que investigações cientificamente conduzidas possam vir a ser realizadas naqueles locais, o que, além de contribuir para o entendimento da pré-história do Nordeste brasileiro, ajudaria a conscientizar as comunidades e autoridades locais sobre a necessidade de se preservar este valioso patrimônio.

Na maioria dos casos, os próprios proprietários não tinham consciência que possuíam tão valioso patrimônio cultural. Mesmo nos sítios onde está em curso um processo antrópico de destruição das gravuras, os proprietários e as comunidades não sabem ou não tinham conhecimento do que estava sendo destruído. Portanto, mais do que criticar e punir os responsáveis pela destruição e vandalismo que ao longo dos anos vem destruindo o patrimônio arqueológico do nosso país, deve-se incentivar a conscientização sobre o real valor cultural das "pedras lavradas", para que as futuras gerações possam continuar o trabalho de preservação já iniciado.

Agradecimentos

O presente trabalho não teria sido realizado sem a valiosa colaboração de um elevado número de pessoas, a quem o autor expressa os seus mais sinceros agradecimentos:

— o geólogo Eduardo Bagnoli (PETROBRÁS/DEPEX/DEBAR) e o arqueólogo Paulo Tadeu de Souza Albuquerque (UFRN/Deptº de História/LARQ), pelos esclarecimentos, sugestões, incentivo e empréstimo de material bibliográfico e fotográfico;

— os senhores Geraldo Marinho, Ademar Agápito de Medeiros, Raimundo Batista de Moraes, Sebastião Domiciano dos Santos, Irismar Jorge de Medeiros, Inácio Bezerra de Medeiros, Bento de Medeiros, Domingos Bezerra

da Nóbrega, Saulo José Araújo de Moraes, Celso Idelfonso, José Xandoca de Medeiros, José Simplício e o geólogo Sinval Varela Câmara Filho, cujas orientações foram fundamentais para se chegar aos sítios visitados;

— os técnicos de geologia da PETROBRÁS/DEBAR/DIREX, Carlúcio Silva, Luciano Lins, Tarso Brito e William Silveira, pelo auxílio prestado na manipulação de material fotográfico e empréstimo de material para desenho;

— os proprietários contactados até o presente momento: Osmar de Medeiros Moraes, Francisco Juvanir Gomes de Oliveira, Francisco de Assis Marinho, Aldo de Medeiros Lima Filho, Amaro Emídio de Moraes, José Damasceno e José Simplício, pela disposição demonstrada em zelar pelo patrimônio arqueológico existente em seus respectivos sítios.

— a PETROBRÁS, pelo apoio que tem dado às iniciativas de preservação do patrimônio ecológico, geológico, paleontológico e arqueológico do nosso país.

ABSTRACT: Contribution to the cadastration of the "itacoatiaras" on the Sabugi Valley, in the seridó border of the Paraíba state. — As a contribution to the survey of the archeological patrimony of Seridó region, northeast Brazil, some archeological sites with engravings ("itacoatiaras") were visited, in the area known as "Sabugi Valley", state of Paraíba. Because of the imminent threat of destruction of these sites, either by weathering or by anthropic activities, it is hoped that scientific researches be conducted on that area, which might help to motivate the local communities and authorities to deal with the preservation of these significant cultural riches.

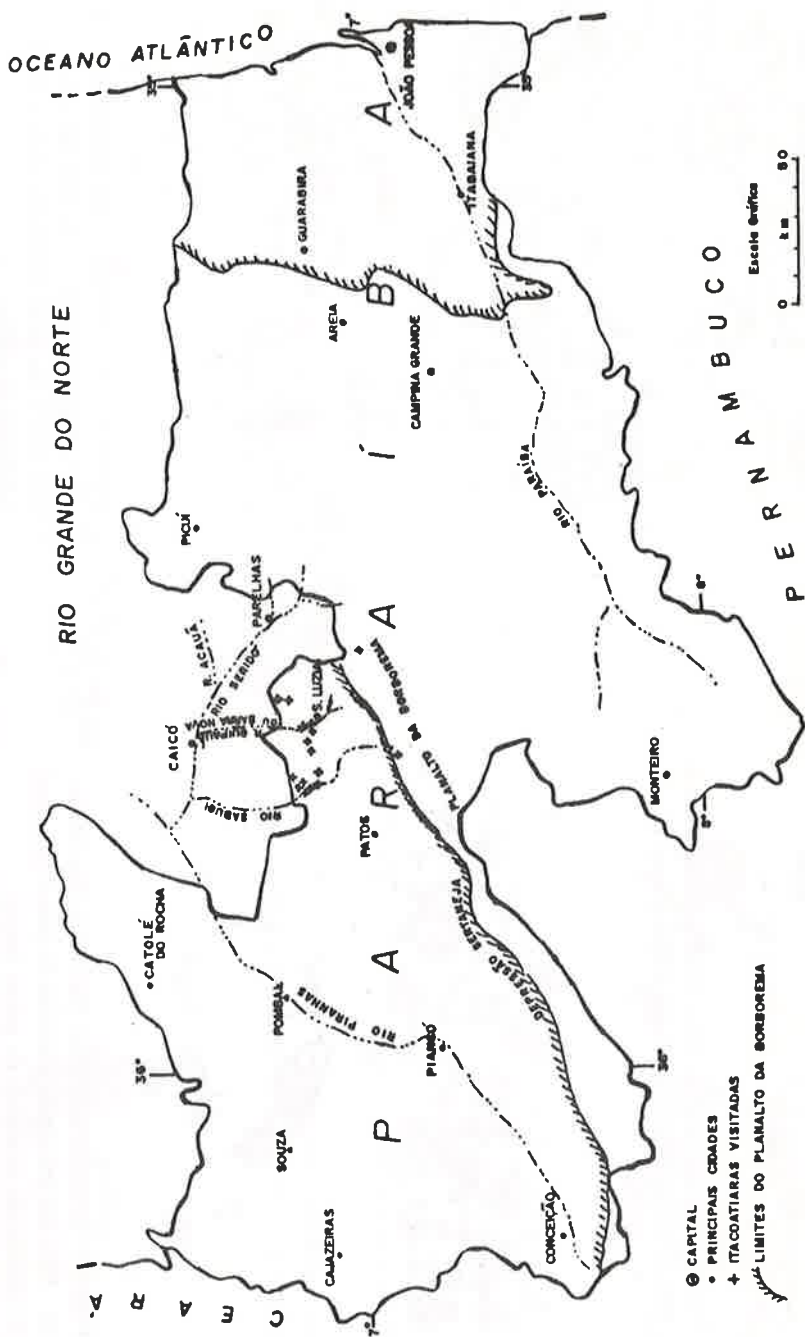


Figura 1 — Mapa de localização.



Figura 2: Itacoatiara do Sítio Tapera (São Mamede - PB). (a) painel principal (B) detalhe do painel lateral.

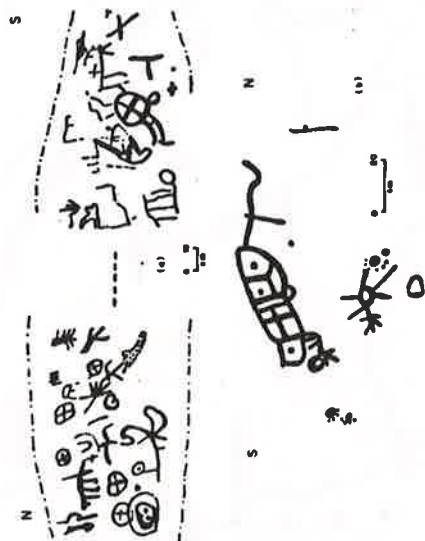


Figura 3 - Itacoatiara do Sítio Trincheira (São Mamede - PB). (a) principais gravuras do painel principal (b) detalhe de zoomorfo do painel lateral.

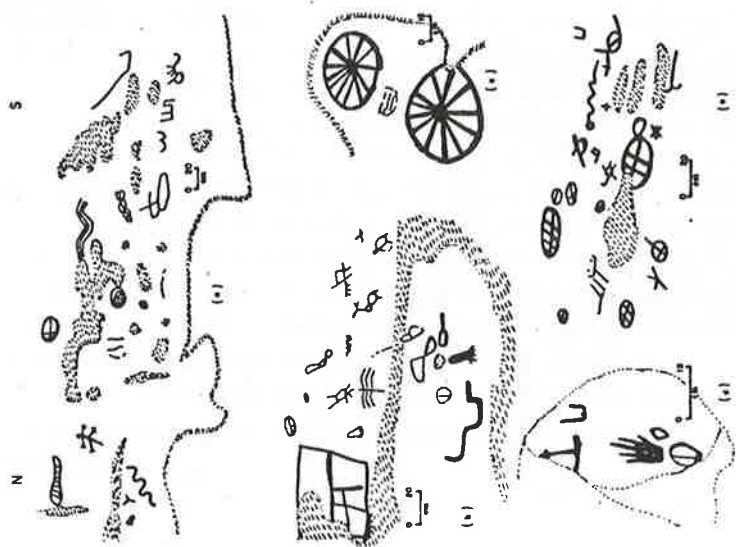


Figura 4 - Itacoatiara do Sítio Tapuio (São Mamede -PB). Aspectos gerais de painéis (a,b,d) e piso do la-
jedo (c,e); as áreas tracejadas representam porções
esfoliadas da rocha.

Figura 7 -
Itacoatiara do Pindurão
(Várzea - PB).
Petroglifos de zoomorfo (a), antropomorfo (b) e grafismos puros com inscrições alfabéticas recentes.

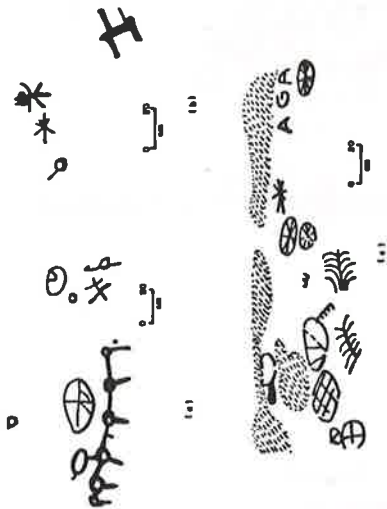


Figura 8 - Principais
petroglifos da
itacoatiara da Viola
(Várzea - PB).

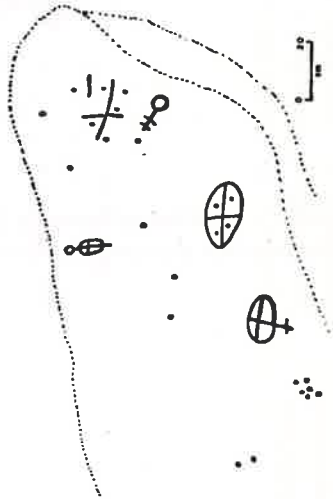


Figura 5 - Principais gravuras da itacoatiara do
Poço do Brito (São Mamede - PB).

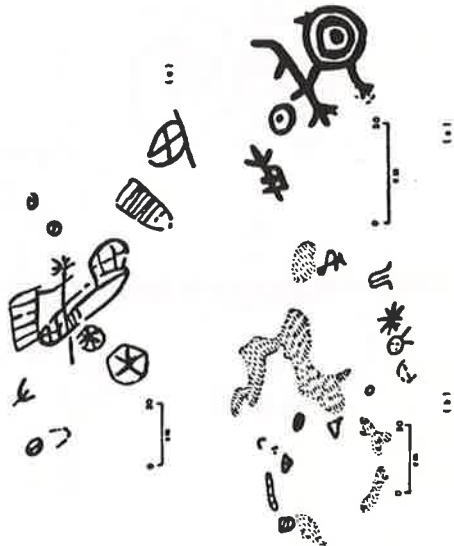


Figura 6 - Aspectos gerais de gravuras no piso da
itacoatiara da Pedra D'Água (São Mamede - PB).

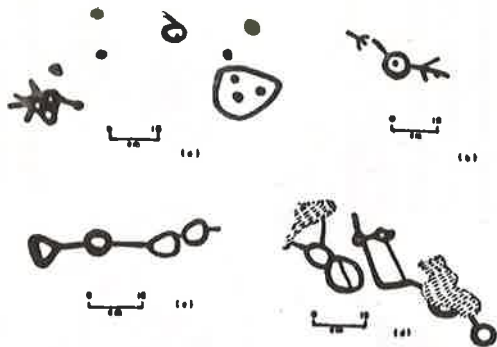


Figura 9 - Algumas gravuras da itacoatiara dos Navios (Várzea - PB), com possíveis antropomorfos representados em (a).

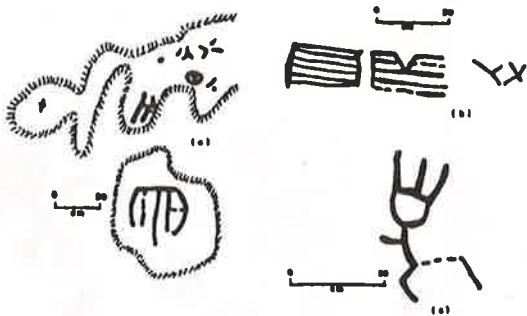


Figura 10 - Detalhes de gravuras da itacoatiara da Passagem do Meio (Santa Luzia - PB).

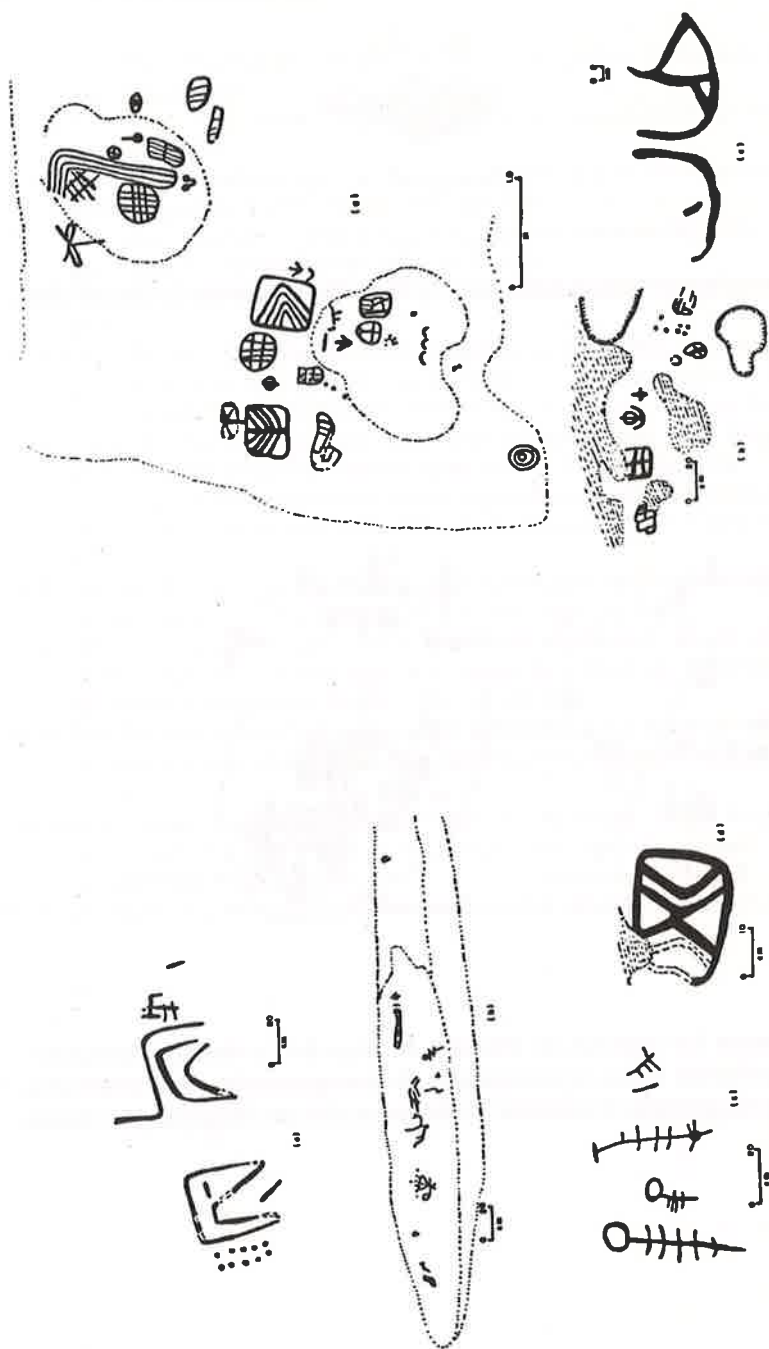


Figura 12 - Itacoatiara da Pedra Lavrada (São José do Sabugi - PB). Predominam motivos geométricos (painel principal, a), e outros grafismos (b, c).

Figura 11 - Gravuras da itacoatiara do Tapuio (São José do Sabugi - PB). Ocorrem grafismos puros e geométricos (a, c, d), assim como motivos antropomorfos e zoomorfos (painel b).

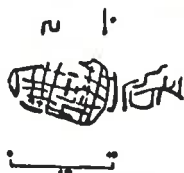


Figura 13 - Principais gravuras da itacoatiara do Sítio Chorão (Junco do Seridó - PB).

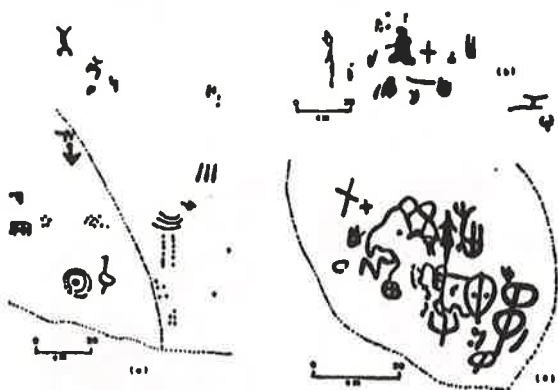


Figura 14 - Algumas das centenas de gravuras do Poço do Caudaloso (Passagem - PB). Ocorrem grafismos puros, representações de antropomorfos (b) e zoomorfos (aves e lagartos). As gravuras da marmita (c) são mostradas em fotografia por Moraes (1924).

MORAIS NETO, J. M. DE. Contribuição ao cadastramento das itacoatiaras do "Vale do Sa-
bugi", na fronteira seridoense da Paraíba. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(1):133-155,
1994.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Ruth Trindade de. *Arte Rupestre nos Cariris Velhos*. Editora Universitária, UFPB, João Pessoa, 1979.
- ALMEIDA, Ruth Trindade de. Um sítio arqueológico histórico. *CLIO* n° III, UFPE, Recife, 1980, pp 61-63.
- AGUIAR, Alice. A Tradição Agreste : estudo sobre arte rupestre em Pernambuco. *CLIO-Série Arqueológica* 08, UFPE, Recife, 1976, pp 7-98.
- AGUIAR, Alice. Tradições e estilos na arte rupestre no Nordeste brasileiro. *CLIO-Série Arqueológica* 05, UFPE, Recife, 1982, pp 91-104.
- AGUIAR, Alice. Gravuras rupestres em Iati, Pernambuco. *CLIO* n° III, UFPE, Recife, 1980, pp 61-63.
- BAGNOLI, Eduardo. Contribuição ao levantamento do patrimônio arqueológico, paleontológico, geológico e ecológico do extremo Nordeste brasileiro. *Anais do I SINTEX - Semin. Interp. Explorat.*, PETROBRÁS/DEPEX, Rio de Janeiro, 1989, pp 351-366.
- CARTAXO, Rosilda. Subsídios para um tombamento. *Revista do Inst. Hist. Geograf. Paraibano*, n° 25, UFPB/Editora Universitária. João Pessoa, 1991, pp 265-275.
- GUIDON, Niède. A arte pré-histórica da área arqueológica de São Raimundo Nonato : Síntese de dez anos de pesquisas. *CLIO-Série Arqueológica* 2, n° 07, UFPE, Recife, 1985, pp. 3-80.
- GUIDON, Niède. Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. *CLIO-Série Arqueológica* n° 5, UFPE, 1989, pp 5-11.
- MARTIN, Gabriela. Novos dados sobre as pinturas rupestres do Seridó, no Rio Grande do Norte. *CLIO-Série Arqueológica* 4, Anais do I Simp. de Pré-História do Nordeste Brasileiro. CNPq/UFPE, Recife, 1991, pp 141-145.
- MARTIN, Gabriela & AGUIAR, Alice. Arte pré-histórica dos índios do Nordeste do Brasil. *NORDESTE INDÍGENA*, Série Etno-histórica n° 2, FUNAI/3a SUER, Recife, 1991, pp 87-94.
- MOARES, Luciano Jacques de. *Inscrições rupestres no Brasil*. Edição fac-similar da 1ª Ed., IFPCS/MVOP, série ID, n° 64, 1924. Coleção Mossoroense, v. CCCXXVI, ESAM/FGD, Mossoró, 1986.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Editora UnB, Brasília, 1992, 605 p.